

# MEMORIAL DE AIRES: A ALUCINAÇÃO ERUDITA DA VIDA

GABRIELA KVACEK BETELLA\*

“Grata é aos mortais a ilusão do equilíbrio”

“A neutralidade é, antes, ambigüidade, e pode ocultar uma lucidez de lâmina”

Alfredo Bosi

RESUMO: *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* possuem matéria comum – vida de pessoas das relações do conselheiro Aires, suposto autor dos manuscritos de origem dos livros, bem como diversos fatos marcantes do final do século XIX – sob duas formas diferentes de registro: um romance e o diário do conselheiro, crônica pessoal. Este trabalho desvenda algumas peripécias narrativas de Machado de Assis, especialmente no que diz respeito à retomada da tradição literária e à criação do autor/narrador Aires, cujo ócio é o principal aliado na escrita cuidadosa, no fundo, saída pensada do anonimato.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Romance; Memorialística

## A VERDADE LITERÁRIA ATRAVÉS DO EMBUSTE DAS MOLDURAS

Segundo a versão apresentada aos leitores de romances do início deste século, um tal conselheiro Aires faleceu por aquela época, deixando vários manuscritos na gaveta, reunidos em sete cadernos encapados com o mesmo

\* Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH-USP e bolsista da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

cuidado de aluno em início de ano letivo. Juntos, eles formavam seu *Memorial* ou “diário de lembranças” colhidas ao longo dos anos. Num desses cadernos, porém, Aires escreveu uma narrativa – um romance em terceira pessoa. Os manuscritos foram publicados postumamente, o diário em 1908 como *Memorial de Aires*, quatro anos após o romance vir a público com o título de *Esau e Jacó*. Conforme as “advertências” nas primeiras páginas dos livros, tudo ficou a cargo de um editor: títulos das obras, seleção dos episódios mais interessantes do diário, decisão sobre o que seria editado primeiro.

O romance já estava pronto – menos trabalho para o suposto editor, provavelmente de olhos bem abertos para o lucro imediato sobre os manuscritos. O *Memorial* também valeria a empresa, mas seria melhor não arriscar tempo e trabalho de leitura, seleção e resumo. Publicou-se *Esau e Jacó* com uma advertência bem composta, fundindo a total ausência de escrúpulos e a sinceridade extrema, especialmente quando justifica a inversão da ordem dos cadernos do conselheiro:

“A hipótese de que o desejo do finado fosse imprimir este caderno em seguida dos outros, não é natural, salvo se queira obrigar a leitura dos seis, em que tratava de si, antes que lhe conhecessem esta outra história, escrita com um pensamento interior e único, através das páginas diversas. Nesse caso, era a vaidade do homem que falava, mas a vaidade não fazia parte dos seus defeitos. Quando fizesse, valia a pena satisfazê-la? Ele não representou papel eminente neste mundo; percorreu a carreira diplomática, e aposentou-se. Nos lazeres do ofício, escreveu o *Memorial*, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis.”<sup>11</sup>

Esse “talvez dê” indica a possibilidade da edição do diário, desbastado das páginas cansativas, o que realmente ocorre mais tarde. Na “advertência” do *Memorial*, o “editor” retoma a última frase da citação acima, chamando a atenção dos leitores para o conselheiro e assumindo a autoria da advertência do outro romance. A edição do *Memorial* é apresentada assim:

“Tratando-se agora de imprimir o *Memorial*, achou-se que a parte relativa a uns dois anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões, – pode dar uma narração seguida, que talvez interesse, apesar da forma de diário que tem. Não houve pachorra de a redigir à maneira daquela outra, – nem pachorra, nem habilidade. Vai como estava, mas desbastada e estreita, conservando só o que liga o mesmo assunto. O resto aparecerá um dia, se aparecer algum dia.” (*MA*, 1096)

Novamente, a palavra “talvez” é utilizada com falso desdém. Do mesmo modo, a confissão da falta de pachorra e habilidade para reescrever o diário em forma de romance ajuda a compor um descuido de fachada, enquanto enfatiza o resumo, a alteração, o desbaste indispensável para o resultado apresentado, além de mencionar “o resto”, afirmando e negando uma publicação futura. Tais atitudes antecipam o comportamento narrativo: a intervenção do editor preserva e assume as elipses e os silêncios do diário, cuja ficcionalização é medida habilmente. A versão publicada traz a crônica da vida íntima dos Aguiar, o relato da convivência entre o conselheiro e sua irmã Rita e muito “ofício cansativo dos velhos”: registros sobre o funcionamento do corpo e as alterações do humor.

<sup>11</sup> J. M. MACHADO DE ASSIS, *Esau e Jacó*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992, p. 946. Todas as citações seguintes de *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* seguem esta edição, trazendo, entre parênteses, somente a indicação da obra (*EJ* e *MA*, respectivamente) e a(s) página(s) de origem.

Em *Esau e Jacó*, o próprio Aires aparece como personagem. Vários capítulos são enriquecidos com citações dos cadernos do *Memorial*, principalmente após o primeiro quarto do livro, quando o personagem Aires assume uma participação mais ativa, ao transferir-se definitivamente para o Rio de Janeiro, com a aposentadoria. Assim, a menção pontual das memórias, revelando a indisfarçável voz do conselheiro em comentários pessoais, não funciona somente como “notas que servem ao livro”, mas sobretudo como repositório de sinceridade e novo ponto de vista para o romance – casos “velhos e obscuros” relativos às personagens são relembrados, ligados e decifrados; impressões de toda ordem são registradas, mas poucas conclusões são oferecidas ao leitor.

Os manuscritos tinham uma matéria comum – as vidas das pessoas das relações do conselheiro e os fatos do final do século XIX – e duas formas distintas de registro – a crônica pessoal dos acontecimentos e o romance. O Aires memorialista manipula com habilidade a própria vivência, enquanto ela acontece, “metaforizando-se” enquanto gasta o tempo da aposentadoria. Como romancista, cria um personagem de si mesmo – nada menos que o mais sensato da história – para observar-se no mesmo plano dos outros. Nas duas formas narrativas, de algum modo, o conselheiro se refaz, utilizando a própria voz, num caso, e a voz de um narrador, no outro. Reforça as características do diplomata do diário servindo-se da “neutralidade” de uma postura – ou impostura – narrativa no romance. Conforme se observa, o amor pela precisão vocabular, pelas metáforas, a vida diplomática como passado decorativo, a necessidade de fugir da solidão, o perfil do solteirão, a mocidade permanente, a contemplação do espetáculo público da vida, a complacência, a conciliação, o fatalismo e, ao lado de tudo isso, a concepção idealista a combater a tríade da insuficiência humana, da inconsistência das coisas e do fluir do tempo, estão descritos no personagem e vividos na escrita – a do memorialista sobretudo, a ponto de o narrador em *Esau e Jacó* completar seus comentários com a agudeza das anotações do *Memorial*.

Desse modo, a narrativa do romance recorre às anotações sobre os mesmos eventos que nela aparecem, utilizando as reflexões do conselheiro sobre as personagens, como se o narrador não pudesse – ou não quisesse – dar conta de tudo. Por outro lado, esse recurso da narrativa *comprova* a existência do conselheiro e da fonte escrita da sua verdadeira personalidade. A cargo de Aires ficam, portanto, algumas responsabilidades especiais, tais como dosar a ironia e estabelecer o frágil contorno das pessoas, ou a insipidez que o enfada e as faz padecer:

“Não cuides que [Aires] não era sincero, era-o. Quando não acertava de ter a mesma opinião, e valia a pena escrever a sua, escrevia-a. Usava também guardar por escrito as descobertas, observações, reflexões, críticas e anedotas, tendo para isso uma série de cadernos, a que dava o nome de Memorial. Naquela noite escreveu estas linhas:

‘Noite em casa da família Santos, sem voltarete. Falou-se na cabocla do Castelo. Desconfio que Natividade ou a irmã quer consultá-la; não será decerto a meu respeito.

‘Natividade e um padre Guedes que lá estava, gordo e maduro, eram as únicas pessoas interessantes da noite. O resto insípido, mas insípido por necessidade, não podendo ser outra coisa mais que insípido. (...)

(...) Não acabo de crer como é que esta senhora, aliás tão fina, pode organizar noites como a de hoje. Não é que os outros não buscassem ser interessantes, e, se intenções valessem, nenhum livro os valeria; mas não o eram, por mais que tentassem. Enfim, lá vão; esperemos outras noites que tragam melhores sujeitos sem esforço algum. O que o berço dá só a cova o tira, diz um velho adágio nosso. Eu posso, truncando um verso ao meu Dante, escrever de tais insípidos:

Dico, che quando 'l'anima mal nata...' (EJ, 965-6)

Se, por um lado, a vocação para conciliar opiniões diferentes e aceitar suas verdades parciais era uma característica de Aires no convívio social, por outro o seu *Memorial* funciona como um reforço particular, uma espécie de ponto de vista determinado, único e firme mantido na privacidade da escrita. A menção constante do diário dá a entender que a escrita é a forma autêntica de expressão do conselheiro, baseada na passagem da memória à anotação através do registro de um detalhe, por onde pode escapar a emoção, a singularidade do diarista.

Aires comanda uma série de alusões ao caráter interesseiro das mais inocentes e prestativas atitudes, incluindo as próprias:

"Aires queria cumprir deveras o ofício que aceitara de Natividade. Quem sabe se a idéia de pai espiritual dos gêmeos, pai de desejo somente, pai que não foi, que teria sido, não lhe dava uma afeição particular e um dever mais alto que o de simples amigo? Nem é fora de propósito que ele buscasse somente matéria nova para as páginas nuas do seu *Memorial*." (EJ, 1002)

"Uma cousa é preciso dizer antes que me esqueça. Sabes que os dois gêmeos eram belos e continuavam parecidos; por esse lado não supunham ter motivo de inveja entre si. Ao contrário, um e outro achavam em si qualquer coisa que acentuava, se não melhorava, as graças comuns. Não era verdade, mas não é a verdade que vence, é a convicção. Convence-te de uma idéia, e morrerás por ela, escreveu Aires por esse tempo no *Memorial*, e acrescentou: 'Nem é outra a grandeza dos sacrifícios, mas se a verdade aceita com a convicção, então nasce o sublime, e atrás dele o útil...' Não acabou ou não explicou esta frase." (EJ, 1056)

Vale ressaltar que essa "divisão de tarefas" no romance, melhor dizendo, a necessidade do narrador de "recortar" outro texto ao compor o seu, não obstante oferecer um caráter híbrido à narrativa, assinalaria uma incapacidade do narrador. Através de sua aparente imperícia, ele parece não ter autoridade máxima sobre o texto, não se interpõe entre a narrativa e o leitor com uma visão de abrangência do mundo e muito menos instaura a solenidade ao relatar a "saga" de dois gêmeos filhos de banqueiro. Desde o início, a narrativa ressalta o prosaísmo da matéria tratada e, mais que isso, recorre a outras narrativas numa espécie de "atualização" de imagens da literatura clássica, ao mesmo tempo em que lança mão do diário de um ex-conselheiro do Segundo Império brasileiro. Tanto quanto investigar as confissões de incapacidade do narrador de *Esau e Jacó* e seu modo de "atualizar" as questões da representação para o seu tempo, proposta tentadora é discutir a modernidade da origem "encaixilhada" desse narrador, destacando a relação estabelecida entre o embuste formulado por Machado de Assis e a tradição literária universal. Esse desafio, no entanto, não será aceito no âmbito de nossa leitura, cujo propósito é percorrer a trajetó-

ria do narrador do *Memorial de Aires*, explorando algumas das condições que o fizeram surgir.

Como sabemos, os cadernos encapados em papelão foram colocados em ordem pelo diplomata. Os primeiros volumes constavam do diário e o último caderno era ocupado pelo romance. Poucos indícios permitem conclusões sobre a época da escritura do último caderno – as citações do *Memorial* supõem a composição posterior, como também levam a crer na concomitância da criação das obras. Seja como for, *Esaú e Jacó* instaura enigmáticas inovações na narrativa brasileira, a começar pela semelhança com as criativas “molduras” dos grandes narradores do passado, como no *Decameron* de Boccaccio ou, recuando no tempo, como nas *Mil e uma noites*. O procedimento atravessou os séculos e foi aproveitado de modo competente nos séculos XIX e XX, por Henry James e Jorge Luis Borges, dois exemplos a provar o caráter de artifício da literatura.

O nosso Aires insere-se nessa tradição literária com originalidade. Utilizando o recurso infalível dos manuscritos “achados por acaso”, Machado monta a sua moldura narrativa sobre um ex-conselheiro do Império, diplomata culto, figura cordata e fina, inserida num universo em transformação – o Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX. Aires se aposenta em 1886, sexagenário, fixando residência no Rio, para ali “viver o resto de seus dias” (*EJ*, 986-7), jantando com a irmã Rita às quintas-feiras, passeando pelas praias ou pelas ruas do Catete e gastando o resto do tempo “em ler e reler, compor o *Memorial* ou rever o composto, para relembrar as cousas passadas” (*EJ*, 988). Esse senhor reina em seu ócio como observador das coisas e das pessoas, anota hábitos, acontecimentos e conjecturas; ao falecer, deixa o legado da sua existência – um diário e uma narrativa.

As duas obras formam uma composição requintada, atualizando procedimentos muito antigos. A moldura em si já contém elementos que sustentam uma análise pertinente – basta perguntar a que veio esse sujeito com seis cadernos de memórias... O desafio de explorar o romance é legítimo porque uma moldura cria outra: temos outro quadro narrativo em *Esaú e Jacó*, com particularidades notáveis, sendo a melhor delas a representação enfiando os eventos medíocres e os assuntos tão rasos com esmero, relativizando a sua própria origem – o manuscrito de Aires – e toda tradição literária. Na verdade, o aparato das molduras contrasta com todos os objetos, pessoas e ações representados – diário de conselheiro, vida de banqueiros (o casal Santos e o casal Aguiar), solidão de gente velha (Aires, Rita, o casal Aguiar), manipulação das opiniões, transformando o inevitável em virtude (Barão de Santa Pia e Fidélia), interesse particular nas relações (Tristão, Custódio, o casal Batista, Gouveia, Nóbrega) caprichos de gente nova (os gêmeos), indecisão, anseio e repressão de mocinha (Flora) e, entre tantos outros, o ponto de vista, a sabedoria, a erudição e a sagacidade não confiáveis (Aires) – problemas de uma sociedade moderna, incrustada no Rio de Janeiro, cultivando no mesmo terreno diversas personagens, de gerações diferentes, fertilizadas com sutileza ou agressividade, sagacidade ou ingenuidade, disfarce ou desespero, porém sob as mesmas condições básicas de desenvolvimento.

O conselheiro Aires teria sido muito esperto ao escrever um romance cuja armação narrativa é sustentada pelas próprias anotações pessoais. A publicação do texto, antecedendo a publicação da versão reduzida do *Memorial*,

“propagandeou” esse indivíduo “sem papel eminente neste mundo”. Quando sai o *Memorial de Aires*, o livro servirá ao propósito de matar a curiosidade do leitor, íntimo de algumas frases dele, a partir do contato propiciado por *Esau e Jacó*. A figura do conselheiro, agora completa graças às suas confissões, oferece de bandeja, a um determinado grupo de leitores de qualquer parte do mundo, o objeto de fascínio e culto, comum a “autor” e leitor – a intimidade. Quem não se sentiria tentado a ler as memórias de um ex-conselheiro de D. Pedro II, circunspecto senhor que atravessou o Império e o início da República, homem distinto, tão participativo na vida das famílias ricas, tão conhecedor dos “poderes” dessa gente? Sem dúvida, um aspecto moderno perpassando as duas últimas obras de Machado é a lucidez sobre os rumos da arte de narrar, sobre os destinos do narrador experiente e do público, sempre ávido pela intimidade dos bem-postos na vida.

### ESSE AIRES...

O narrador de *Esau e Jacó* é uma versão do diplomata recluso. Trata-se de uma espécie de “narrador de ocasião”, distinguindo o “eu” do romance do personagem Aires. Contudo, a distância entre eles se altera constantemente: às vezes parecem duas personalidades diferentes, em outras Aires e narrador se unem<sup>2</sup>. Há passagens em que o narrador revela disposições opostas às do conselheiro e, no entanto, não faltam episódios em que a voz narrativa omite sua opinião, atitude que identifica Aires:

“Não é que [Natividade] ainda dançasse, mas sabia-lhe bem ver dançar os outros, e tinha agora a opinião de que a dança é um prazer dos olhos. Esta opinião é um dos efeitos daquele mau costume de envelhecer. Não pegues tal costume, leitora. Há outros, também ruins, nenhum pior, este é o péssimo. Deixa lá dizerem filósofos que a velhice é um estado útil pela experiência e outras vantagens. Não envelheças, amiga minha, por mais que os anjos te convidem a deixar a primavera; quando muito, aceita o estio. O estio é bom, cálido, as noites são breves, é certo, mas as madrugadas não trazem neblina, e o céu aparece logo azul. Assim dançarás sempre.

Bem sei que há gente para quem a dança é antes um prazer dos olhos. Nem as bailadeiras são outra cousa mais que mulheres de ofício. Também eu, se é lícito citar alguém a si mesmo, também eu acho que a dança é antes prazer dos olhos que dos pés, e a razão não é só dos anos longos e grisalhos, mas também outra que não digo, por não valer a pena. Ao cabo, não estou contando a minha vida, nem as minhas opiniões, nem nada que não seja das pessoas que entram no livro. Estas é que preciso pôr aqui integralmente com as velhas virtudes e imperfeições, se as têm. Entende-se isto, sem ser preciso notá-lo, mas não se perde nada em repeti-lo.

(...)

Não conto Aires, que provavelmente dançaria, a despeito dos anos (...).” (*EJ*, 1006)

A criação de uma voz narrativa não é mais que a invenção de um duplo, a adoção de um alter-ego ou a composição de uma máscara. Muitas evidências

<sup>2</sup> M. PEIXOTO, “Aires as a narrator and Aires as a character in *Esau e Jacó*”, *Luso-Brazilian Review*, n.17:1, 1980, p. 80.

demonstram hábitos de linguagens comuns ao romance e ao diário. Assim, a preferência pela expressão elíptica, pela ironia e pelo subtexto, os pedidos de desculpas pela obscuridade das explicações e a política de não contradizer os outros são compartilhados pelas duas formas narrativas. É difícil não cogitar uma hipótese sobre o diplomata aposentado – homem público em pleno fim de carreira – escrevendo seu diário: na verdade, ele anseia por contar uma história na qual os acontecimentos não surgem da sua observação. Além dos fatos vistos, antevistos, concluídos e relatados no *Memorial*, o conselheiro dribla o tédio com a composição do romance. Desse modo, ao invés de se exceder nas confissões do diário, diminui a ansiedade atuando como romancista.

Na narrativa da tradição oral, a concisão e a ausência de sutilezas psicológicas são condições básicas para a assimilação da história pelo ouvinte, capaz de incorporá-la à sua experiência e recontá-la. O processo de assimilação exige um estado de distensão psíquica cada vez mais raro: o tédio, “pássaro de sonho que choca os ovos da experiência”<sup>33</sup>, cujos “ninhos” são as *atividades* associadas a esse estado, como o trabalho dos artesãos, por exemplo. Apesar de não surgir de uma *atividade* monótona, de ser fruto da urbanidade e do vazio de Aires e de aparecer sob as mesmas condições em que desapareceram o dom de ouvir, de contar histórias, junto com a comunidade de ouvintes, o tédio do conselheiro produz uma narrativa interessada na conservação.

Aires não compartilha com o narrador da tradição oral o desejo de conservar o narrado através da assimilação de experiências de ouvinte. Escritos na ociosidade confortável, seus cadernos poderiam estar lastreados de sabedoria cultivada durante os anos, mas não estão. Mesmo sexagenário, na época em que escrevia a parte do *Memorial* escolhida para vir a público, o memorialista não pode ser definido como “narrador experiente”, na acepção consagrada por Walter Benjamin ao valorizar a narrativa calcada na tradição oral, nem mesmo quando se mete a romancista. Na essência de sua obra está a valorização da própria percepção, da exclusiva sensatez e da intolerância com a insipidez da vida alheia. Em poucas palavras, Aires parece recolhido à sua pré-história, acreditando no saber desenvolvido na profissão de diplomata<sup>34</sup>. Mesmo em nossos tempos, em que o culto ao “ócio criativo” de Domenico de Masi alcança sucesso de público, é lícito concordar com a opinião de Augusto Meyer a respeito dos narradores memorialistas de Machado: “seu ócio tem alguma dignidade só por fora”<sup>35</sup>.

Ao aparecer no capítulo XII de *Esau e Jacó* (“Esse Aires”), descrito cuidadosamente através de seu “gesto de dois sexos” ao ser requisitado a emitir opinião sobre a adivinha do morro do Castelo, Aires é caracterizado através do “tédio à controvérsia”, sentimento exaustivamente mencionado na crítica machadiana:

“Era cordato, repito, embora esta palavra não exprima exatamente o que eu quero dizer. Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia. Para conhecer esta aversão, bastava tê-lo visto entrar, antes, em visita ao casal Santos. Pessoas de fora e da família conversavam da cabocla do Castelo.

(...)

Aires não pensava nada, mas percebeu que os outros pensavam alguma coisa, e fez um gesto de dois sexos. Como insistissem, não escolheu nenhuma

<sup>33</sup> W. BENJAMIN, “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*, trad. Sergio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 204.

<sup>34</sup> M. H. WERNECK, “Fábula e vida no *Memorial de Aires*”, in *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias, Rio de Janeiro, Eduerj, 1996, p. 249.

<sup>35</sup> A. MEYER, “O romance machadiano: o homem subterrâneo”, in BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*, São Paulo, Ática, 1982, p. 362.

das opiniões, achou outra, média, que contentou a ambos os lados, cousa rara em opiniões médias. Sabes que o destino delas é serem desdenhadas. Mas este Aires – José da Costa Marcondes Aires, – tinha que nas controvérsias uma opinião dúbia ou média pode trazer a oportunidade de uma pílula, e compunha as suas de tal jeito, que o enfermo, se não sarava, não morria, e é o mais que fazem as pílulas. Não lhe queiras mal por isso: a droga amarga engole-se com açúcar. Aires opinou com pausa, delicadeza, circunlóquios (...). Um dos ouvintes aceitou-o logo, outro divergiu um pouco e acabou de acordo, assim o terceiro, e quarto, e a sala toda." (*EJ*, 965)

Curiosamente, enquanto Aires-autor encaixa esse retrato no romance, não há nenhum auto-retrato no *Memorial*, como se o diarista não prestasse atenção em si mesmo, dedicando-se à observação dos outros<sup>6</sup>. A manipulação da opinião do leitor é clara como a indução promovida pela "advertência", mas o narrador aposta tudo no caráter relativo da "opinião média" e na habilidade de agradar os opostos.

Aires representa o brasileiro bem-nascido, homem formado nos anos das décadas de 40 e 50 do século XIX. Ocupou posto importante no governo imperial: o título de "conselheiro" vem do órgão criado em 1841 pelos conservadores, o Conselho de Estado, cuja principal atribuição era auxiliar o Poder Moderador no exercício de suas funções<sup>7</sup>. O Conselho era a mais alta elite da política, cadinho da visão dos principais líderes dos grandes partidos, grupo cuidadosamente selecionado de políticos no ápice das suas carreiras, com certa predominância conservadora. O cargo era vitalício, embora muitos conselheiros deixassem o cargo por outra nomeação, ministro de Estado, por exemplo, ou, como Aires, o equivalente a embaixador.

Não é preciso explorar a atuação do Conselho durante o Império para investigar sua influência sobre Aires, pois, se houve nomeação, ele não permaneceu no cargo por muito tempo. Como o Conselho só admitia homens com mais de quarenta anos, Aires deve ter sido nomeado por volta de 1868; em 1870, quando nascem os gêmeos de Natividade, ele está na sua segunda licença dos serviços no Exterior. Vale ressaltar, porém, a posição social e institucional dos "escolhidos": certas características, entre elas a grande distância social e cultural em relação à população e a proximidade ao aparelho do Estado, marcavam esses homens pelo que eram e por onde se achavam. Vendo e julgando representar um Brasil especial, suas estratégias de articulação com o mundo de referência incluíam a adoção de idéias e instituições alheias, base do formalismo brasileiro.

Escrevendo o *Memorial* e o romance, deixando-os pretensiosamente organizados antes de morrer, o conselheiro Aires tem a última chance de perpetuar a ideologia implicada na sua formação devedora aos padrões da elite política e da camada superior da sociedade. Cumpridas as exigências da profissão, veio a aposentadoria, e a dedicação aos manuscritos das horas de lazer é total. Nessas condições, provavelmente, nasce o escritor, após uma existência com os mesmos fatores básicos de qualquer um educado na mesma esfera burguesa. O diferencial em Aires é o empenho no registro escrito e sua capacidade relativizadora.

O conselheiro não escreve para prestar contas. O cuidado com os cadernos mostra o desejo de facilitar a descoberta dos manuscritos e, principalmente, a saída, ainda que póstuma, do anonimato. Se um diário não bastasse, de

<sup>6</sup> M. H. WERNECK, op. cit., p. 242.

<sup>7</sup> J. M. de CARVALHO, "O Conselho de Estado: A cabeça do governo". in *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo, Vértice; Rio de Janeiro, IUPERJ, 1988, p. 112.



quebra vai uma narrativa. Atirando nas duas direções, seria impossível não conseguir algum público leitor. A condição multifacetada – memorialista, romancista, personagem literário, conselheiro, diplomata – permite regalias, sobretudo quando envolve a “passagem” da terceira para a primeira pessoa, manipulação esperta do “autor-editor” Machado de Assis: como inverte a ordem das narrativas, Aires aparece na simplicidade de um personagem, “rebaixado” a esta condição; cria-se a expectativa no leitor e logo ele terá o conselheiro “sem ficção” a expor suas impressões. Com habilidade, arma-se um jogo entre “verdadeiro” e “ficcional” dentro do próprio plano da ficção. Uma grandiosa arquitetura, cujo início é o achado na escrivania do conselheiro, e o final a promessa da edição do restante do *Memorial*, implica a representação da realidade não somente nos eventos das tramas, mas também na sua moldura.

Ao relatar as suas impressões no *Memorial*, Aires não demonstra estar sentindo saudades de coisa alguma (confessa nas primeiras linhas do *Memorial* editado: “Certamente ainda me lembram coisas e pessoas de longe, diversões, paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada.” *MA*, 1097). Não há um resgate do passado do país para confrontar os acontecimentos políticos que presencia enquanto narrador ou personagem (a abolição, em *Esau e Jacó* e no *Memorial*, a proclamação da República, em *Esau e Jacó*). Não existe contribuição dele ressaltando a experiência política. Nem sua mocidade, a vida pessoal, é referida constantemente. Com isso, o ponto de vista se desloca para fora do conselheiro – afasta-se “da praia com os olhos na gente que fica” (*MA*, 1193). Amplia sua abrangência como um “compasso abrindo as suas pontas aos dois extremos”, expressão dele próprio. Foge do simplismo da visão que confunde a história pessoal com os acontecimentos públicos. No limite, o *Memorial* abandona os propósitos de “crônica pessoal da história” atribuído aos textos dos memorialistas em geral<sup>8</sup>.

Em 13 e 14 de maio de 1888, as anotações de Aires no *Memorial* relativizam as reações baseadas no contentamento público e privado. Os fatos envolvem a abolição e a carta de Tristão recebida pelo casal Aguiar, depois de um silêncio de anos. Em meio à agitação do dia 13, na Rua do Ouvidor, Aires recusa o convite de um amigo para a ovação à Regente:

“Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro, e recusei. Recusei com pena. (...) Disseram-me depois que os manifestantes erguiam-se nos carros, que iam abertos, e faziam grandes aclamações, em frente ao Paço, onde estavam também todos os ministros. Se eu lá fosse, provavelmente faria o mesmo e ainda agora não me teria entendido... Não, não faria nada; meteria a cara entre os joelhos.

Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da História, ou até da Poesia.” (*MA*, 1118)

Conforme se observa, a narrativa deixa o leitor precavido diante do cortejo da ovação, carros abertos, aclamações – “coisa sem sentido verdadeiro”, é o que o narrador parece dizer. A sua reação, no entanto, seria contida – mas “meter a cara entre os joelhos” significa emocionar-se em silêncio ou esconder-se da vergonha? Entendemos tudo, em relação ao caráter postizo das manifestações públicas e também à antecipação de Aires, nas notas do dia seguinte:

<sup>8</sup> G. GUSDORF, “Autobiographie et mémoires”, in *Les écritures du moi*, Paris, Éd. Odile Jacob, 1991, p. 252.

“Não há alegria pública que valha uma boa alegria particular. Saí agora do Flamengo, fazendo esta reflexão, e vim escrevê-la, e mais o que lhe deu origem.

Era a primeira reunião do Aguiar; havia alguma gente e bastante animação. (...) A alegria dos donos da casa era viva, a tal ponto que não a atribuí somente ao fato dos amigos juntos, mas também ao grande acontecimento do dia. Assim o disse por esta única palavra, que me pareceu expressiva, dita a brasileiros:

– Felicito-os.

– Já sabia? Perguntaram ambos.

Não entendi, não achei que responder. Que era que eu podia saber já, para os felicitar, se não era o fato público? Chamei o melhor dos meus sorrisos de acordo e complacência, ele veio, esprou-se, e esperei. Velho e velha disseram então rapidamente, dividindo as frases, que a carta viera dar-lhes grande prazer. Não sabendo que carta era nem de que pessoa, limitei-me a concordar:

– Naturalmente.

– Tristão está em Lisboa, concluiu Aguiar, tendo voltado há pouco da Itália; está bem, muito bem.

Compreendi. Eis aí como, no meio do prazer geral, pode aparecer um particular, e dominá-lo. Não me enfadei com isso; ao contrário, achei-lhes razão, e gostei de os ver sinceros. Por fim, estimei que a carta do filho postigo viesse após anos de silêncio pagar-lhes a tristeza que cá deixou. Era devida a carta; como a liberdade dos escravos, ainda que tardia, chegava bem. Novamente os felicitei, com ar de quem sabia de tudo.” (MA, 1118-9)

Relendo o fragmento do dia 13, percebem-se conclusões antecipadas, como se o conselheiro estivesse preparando a reflexão com a qual abre o registro do dia 14, ou já a tivesse pronta, deixando para colocar as datas depois, mantendo a forma do diário. Prova a legitimidade das próprias conclusões, relatando o episódio da reunião dos Aguiar, para, somente oito dias depois, revelar o conteúdo da carta de Tristão e sua indisfarçável “sondagem” sobre os “pais adotivos”, escondendo as intenções de voltar ao Brasil e, obviamente, ser bem recebido. Essa forma de escrita “conta-gotas”, regente da composição do diário, pode disfarçar uma narrativa com “pensamento interior e único”, composta de modo a parecer um diário. Mas este é um tema longo a ser explorado no *Memorial*...

Volto à dissociação proposta pela narrativa – “não há alegria pública que valha uma boa alegria particular”. O fato doméstico, a carta do “filho pródigo”, soa agradavelmente e embala todos, na festinha dos Aguiar comemorando esse fato. A doçura das emoções requintadamente confinadas à esfera privada – e a retumbância das comemorações públicas de quem podia “erguer-se nos carros” – revela a indiferença das elites pelos seus escravos. A traição dos filhos adotivos será armada sutilmente (Tristão e Fidélia casam-se e afastam-se do casal Aguiar), enquanto a traição histórica se consuma, e a abolição abandona os negros do país à sua sorte. Realmente, não há boa traição pública que valha a traição particular.

Mediador por ofício e resignação, nem mesmo em seu diário Aires consegue exercer o poder raro e terrível de dizer o que pensa à maneira de Brás

Cubas nas suas *Memórias Póstumas* – valorizando a moral que ensina a convivência dos opostos e a atenuação das negativas, o diplomata concilia inclusive no próprio foro íntimo<sup>9</sup>. Descobrir, encobrir e sobrepor são ações fundamentais da perspectiva seguida pelo conselheiro, em nome de uma espécie de “pacto com a convenção protetora”<sup>10</sup>. Corroborando esse procedimento a utilização de uma linguagem marcada pela dúvida, comparação e hipótese (“talvez”, “como se”, “provavelmente” são expressões frequentes, inconclusivas, incertas, amenizadoras dos julgamentos), descrevendo atitudes de acordo com a capacidade do narrador e, sobretudo, para representar uma realidade de ambigüidades. O modo de expressão do narrador inclui um alto grau de representação.

Curioso e nada ingênuo, Aires descobre as possibilidades de cada jogo de aparências através da mediação. Sua confirmação da autenticidade das atitudes mais ambíguas e o realce para o caráter “político” recuperam um modo de viver. Tanto a fidelidade do conselheiro à atenuação do negativo e à restrição do positivo, como a dissimulação e outros defeitos da sociedade assimilados por Tristão são *necessários* às relações interpessoais – trata-se da regra básica de manutenção de uma classe fechada na sua alegria privada. Aires e Tristão são homens de seu tempo, acima de tudo, fazendo uma espécie de política do possível.

O *Memorial* reconstitui a miudeza do cotidiano nos âmbitos público e privado. Por trás de uma placidez familiar, uma força “demoníaca” é incansavelmente contida, e só de quando em quando consegue uma ponta de expressão<sup>11</sup>. A busca de Aires pelo sentido da vida, a necessidade de atribuir um sentido à própria existência e a afirmação da superioridade de classe esfalam tanto quanto a velhice; o “ofício cansativo” inclui a realização da essência “demoníaca”, mesmo dissolvida na ironia.

Como resultado da contensão empreendida, uma possível contribuição do *Memorial* é a “alucinação” de estar encobrimdo o abandono, a esterilidade das relações pessoais, o interesse e a traição – verdades oferecidas pela trama, causas de sua impopularidade. Contudo, são essas as verdades da vida do próprio narrador, embora ele apareça muito favorecido com seu ceticismo olímpico. Ao último romance de Machado pode ser atribuído o papel de crítica ideológica, no sentido do estabelecimento da negação de uma reflexão unilateral sobre a vida real. Assim como é possível a Tristão amar Fidélia, gostar do dinheiro e abraçar a carreira política, não se pode decidir entre um pólo e outro de Aires: ele está em posição favorável e, ao mesmo tempo, abandonado e estéril.

#### MEIA DÚZIA DE LINHAS SOBRE OS OBJETIVOS AUTOBIOGRÁFICOS DO CONSELHEIRO

O *Memorial de Aires* é o diário de uma personagem de ficção. É aconselhável manter a cautela diante das teorias sobre a memória e sua expressão, preferenciando ao máximo o perfil do conselheiro. No livro são relatados os fatos próximos ao narrador, a maioria com a sua participação direta. Entre a voz que narra e a matéria narrada há uma distância muito curta. Teoricamente, o autor não tem máscaras no diário pessoal, pois a escrita reservada a si mesmo

<sup>9</sup> A. BOSI, “Uma figura machadiana”, in *O enigma do olhar*, São Paulo, Ática, 1999, pp. 130-1.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>11</sup> L. RONCARI, *Machado Manifesto: o nacional e a utopia em Machado de Assis, um estudo sobre a cultura brasileira*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH, 1980, p. 152.

não permite o disfarce, assim como a imediatez das informações não dá margem à reconstituição. No entanto, no *Memorial*, o texto sofre algumas perversões, como se as intenções ultrapassassem as características fundamentais do diário. Aires não se volta para si, compõe a narrativa sob a mira da posteridade, da possibilidade dos leitores futuros e, graças a isso, ficcionaliza, cria suspense, recheia a trama, suscita dúvidas sobre a autenticidade das datas de suas anotações. Em poucas palavras, nega a pureza do objetivo autobiográfico com maestria. E “sem bulha nem matinada” fala da vida alheia.

A motivação de Aires vem do presente de sua narrativa, resultado de uma espécie de remontagem capaz de preencher os dias e, ao mesmo tempo, afirmar o caráter formado num passado nada eminente. De certo modo, Aires sobrepõe ao presente a sua experiência de mediador, transferindo para o texto o produto da atuação da imaginação criadora sobre as observações do passado imediato – os fatos do dia. A memória, ainda que recente, mescla-se com a fantasia e transfigura o acontecimento *intencionalmente*, provando as relações entre a rememoração e a invenção. Sobre tais relações Aristóteles se deteve, asseverando que a memória e a imaginação provêm da mesma parte da alma – os objetos da memória são também os que dependem da imaginação e não existem sem essa faculdade<sup>12</sup>.

O romance *Esau e Jacó* assume o papel de delator do caráter ficcional ou, pelo menos, da recriação da matéria observada nos manuscritos do conselheiro, afinal ele próprio meteu-se a escritor, fazendo surgir uma voz narrativa questionando os graus entre verdade e verossimilhança do próprio discurso. O *Memorial*, por sua vez, contradiz o princípio de que as memórias estão mais próximas do verídico que os demais gêneros, não obstante o seu ponto de partida imaginário.

A transfiguração literária promovida pelo diplomata aposentado sobre a vida dos amigos ricos não engrandece essa matéria. Esse procedimento autoral soberano e, no fundo, implacável, identifica-se com o ponto de vista de classe, conforme já pudemos notar, engrandecendo-o às expensas de uma espécie de “marketing póstumo”. Resgatando a miudeza da “gente alegre”, Aires assegura a possibilidade de relativização da sua existência opaca e das “alegrias particulares” dos amigos. O sucesso da afirmação do conselheiro representa e garante, por outro lado, a permanência de uma ideologia traduzida pela naturalidade de Aires em relação às desigualdades. Se lembramos da primeira anotação de 1888 no *Memorial*, por exemplo, observamos que um conjunto externo é cooptado pela narrativa – café, pregão de vendedor, a terra, o bairro, a língua – para reafirmar a brasilidade do narrador. De modo natural, as pequenas coisas da “vida de cá” são manipuladas para servirem à memória (e ao conforto) de Aires:

“Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores: ‘Vai vassouras! vai espanadores!’ Costumo ouvi-lo outras manhãs, mas desta vez trouxe-me à memória o dia do desembarque, quando cheguei aposentado à minha terra, ao meu Catete, à minha língua. Era o mesmo que ouvi há um ano, em 1887, e talvez fosse a mesma boca.” (MA, 1097)

A voz do vendedor oferece a noção do tempo e passa a despertar também as noções de espaço e nacionalidade. Naquele dia, o pregão não soou diferente, mas Aires provavelmente acordou disposto a enganar o tédio. Sua iniciativa em

<sup>(12)</sup> ARISTÓTELES. “De la mémoire et de la réminiscence”, in *Petits traités d'histoire naturelle*, trad. René Mugnier, Paris, Les Belles Lettres, 1965, p. 55.

escrever marcando o aniversário de sua chegada ao Rio manipula a matéria disponível – no caso, o conhecido barulho matinal do Catete – disfarçando-a de gatilho da memória involuntária.

O tratamento da matéria literária favorece o rendimento estético no *Memorial*. Há elementos suficientes entre os personagens para sustentar uma análise sobre o abandono, a esterilidade, o interesse e a traição dentro das relações pessoais, no nível da trama. As observações mais proveitosas aparecem, todavia, quando é assinalada a modernidade literária do *Memorial*, em parte devida à proximidade entre o “eu” que narra e o tempo dos acontecimentos narrados – tudo poderia levar ao relato propriamente dito, mas a fabulação penetra os espaços, fundindo-se com a datação do discurso.

A retidão e a neutralidade do narrador, hábeis expedientes para tapear as próprias memórias, alastram-se na trama de modo a representar um modo de “asseio social” – tudo é muito contido, ninguém se desespera e nem o diarista confessa de si mesmo a amargura dos Aguiar descrita nas últimas frases do livro: “Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos” (*MA*, 1200). Vale lembrar a coerência entre o desempenho do ponto de vista e a consciência burguesa imanente. O traço de distinção é imprimido pelo narrador, não obstante as condições de produção da sua obra apontarem para a velhice que esfalfa, a reclusão e a “vadiagem” da aposentadoria, a proximidade da morte.

ABSTRACT: *Esau e Jacó* and *Memorial de Aires* have a common matter – life of people that were on good terms with conselheiro Aires, as well various remarkable facts on the nineteenth century end – under two different shapes of scripture: a novel and the conselheiro’s diary, personal cronicle by the supposed author of original manuscript of two books. This work disclose Machado de Assis’ narrative sagacity, specially about the reconquest of literary tradition and the creation of character/author/narrator Aires, whose idleness is the main allied on careful writing. In truth, this writing is a calculated solution for the anonymity.

KEYWORDS: Machado de Assis; Novel; Memories

Texto elaborado no período de junho/julho de 1999 para a disciplina “Ficção e confissão em Pedro Nava”, ministrada pelo Prof. Dr. Joaquim Alves de Aguiar, durante o primeiro semestre de 1999.